

LIRIAN SIFUENTES

MODOS DE VER E DE VIVER: CONSUMO DE TELENOVELA POR “BATALHADORAS”

*WAYS OF SEEING AND LIVING:
TELENOVELA CONSUMPTION BY “BATTLERS”*

*MODOS DE VER Y DE VIVIR:
CONSUMO DE TELENOVELA POR
“BATALLHADORAS”*

Recebido em: 30 jun. 2016

Aceito em: 19 nov. 2016

Lirian Sifuentes: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Porto Alegre-RS, Brasil)
Pesquisadora no Departamento de Comunicação da PUC-RS. Doutora em Comunicação (2014) pela PUCRS, com doutorado sanduíche na Texas A&M University. Realizou pós-doutorado (2014-2016) no PPGCOM da PUCRS.
Contato: lisifuentes@yahoo.com.br

ISSN (2236-8000)

RESUMO

O objetivo deste artigo é compreender de que forma o habitus e o capital cultural (BOURDIEU, 1983, 2008) – modos de viver – de mulheres “batalhadoras” impacta as leituras que fazem da telenovela – modos de ver. Chamamos de “batalhadoras” o grupo social que ficou conhecido como “nova classe média”, mas que não seria nada mais do que uma classe trabalhadora com melhores condições de consumo. Na pesquisa empírica, desenvolvida por 10 meses, fizemos uso de entrevistas semiestruturadas, formulários e observações. O grupo pesquisado foi formado por quatro mulheres, com idade entre 27 e 35 anos. A novela possui nesse grupo assíduas telespectadoras. Vale destacar que a descrição que fazem sobre a típica mulher brasileira nas novelas coincide com a forma como entendem a si próprias. Consideram-se batalhadoras e guerreiras, mulheres que vão à luta.

PALAVRAS-CHAVES: Consumo midiático; telenovela; classe social; batalhadoras.

RESUMEN

El propósito de este artículo es entender cómo el habitus y el capital cultural (BOURDIEU 1983, 2008) – modos de vivir – de las mujeres batalladoras impacta las lecturas que hacen de la telenovela – modos de ver. Llamamos “batalladoras” al grupo social que se hizo conocido como “nueva clase media”, pero que no sería nada más que una clase obrera con mejores condiciones de consumo. En la investigación empírica, desarrollada durante 10 meses, se utilizó entrevistas semiestructuradas, formularios y observaciones. El grupo de estudio estaba formada por cuatro mujeres, con edades comprendidas entre 27 y 35 años. La novela tiene en este grupo importantes televidentes. La descripción que las entrevistas hacen de la típica mujer brasileña en las novelas coincide con la forma como comprenden a sí mismas. Consideranse como batalladoras, mujeres que luchan.

PALABRAS-CHAVES: Consumo de medios; telenovela; clase social; batalladoras.

ABSTRACT

The purpose of this article is to understand how habitus and cultural capital (BOURDIEU 1983, 2008) – ways of living – of “fighters” impact readings of telenovela – ways of seeing. We called “fighters” the social group that became known as “new middle class” but that would be nothing more than a working class with better consumption conditions. In empirical research, developed for 10 months, we used semi-structured interviews, forms and observations. The study group was formed by four women, aged between 27 and 35 years. The novel has assiduous viewers in this group. We note that the description that interviewers do about the typical Brazilian woman in telenovelas coincides with how they understand themselves: fighters, women that don’t give up.

KEYWORDS: media consumption; telenovela; social class; fighters.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de compreender os modos de viver e de ver de mulheres “batalhadoras”. Mais especificamente, buscamos estudar o *habitus* e o capital cultural¹ (BOURDIEU, 1983, 2008) de mulheres “batalhadoras” para, posteriormente, conhecer seu consumo midiático – com destaque para a recepção de telenovela –, relacionando os modos de viver com os modos de ver telenovela².

A denominação classe “batalhadora” é tomada de Souza (2010), que assim chama o grupo que ficou popularmente conhecido como a “nova classe média”. O sociólogo entende que os brasileiros que ascenderam socialmente nos anos 2000 não constituem de fato uma classe média, mas sim uma classe batalhadora, que conquistou um aumento de renda como fruto do empenho pessoal, da disciplina e de outras pré-disposições básicas.

Consideramos importante estudar as classes sociais em consonância com Morley (1996), que defende a realização de estudos que situem a classe em posição central para a compreensão das diferentes leituras midiáticas efetuadas pelos indivíduos. Há uma lacuna importante no campo da Comunicação no que se refere à análise de classe social, ainda pouco abordada. A partir da perspectiva desse trabalho, temos a compreensão de que as classes sociais não falam sobre a qualidade das pessoas, sobre seu valor, mas sobre a posição que elas ocupam em uma estrutura social capitalista, em que alguns lucram com a exploração do trabalho de outros. Em uma sociedade tão desigual como a brasileira, deixar de falar de classe é colocar para baixo do tapete a desigualdade social que atinge, em cheio, a população do país. É “apenas conhecendo e reconhecendo a dor e o sofrimento injustos que podemos mitigá-lo. ‘Enfeitá-lo’ e negá-lo é, ao contrário, a melhor maneira de torná-lo eterno.” (SOUZA, 2013: 67).

O tema da “nova classe média” repercute e ganha espaço na mídia em 2008. De lá até 2014, tomamos conhecimento de um novo grupo de brasileiros que ascendeu socialmente e alcançou o que parecia inalcançável: pertencer, em massa, à classe média. Essa, ao menos, foi a “história vendida” pelo jornalismo, pelo governo, por agências de mercado, etc. Não demorou a surgirem, especialmente na Sociologia e na Economia, trabalhos refletindo sobre o enquadramento desse grupo. Algo que logo ficou comprovado é que houve, de fato, um nível de crescimento na renda de uma parcela de brasileiros e uma alavancada social que tirou muitos da pobreza. Fora isso, há pouco consenso.

A questão crucial, parece, está na justificativa do próprio Marcelo Neri (2008, 2010) – o “pai da nova classe média”, coordenador da pesquisa da FGV que, em 2008, apresentou dados otimistas que davam conta dessa ascensão em massa – sobre a nomenclatura usada: ele se refere a uma “classe econômica”, não a classe social; assim, “é a classe média no sentido estatístico” (NERI, 2008: 48).

Se, de um lado, temos um “equivoco de avaliação”, pois, como entendemos – baseados em autores como Souza (2010, 2013), Pochmann (2012), Bartelt (2013), Kerstenetzky e Uchôa (2013) – esse grupo não pode ser entendido como “classe média”; por outro, o tema trouxe a questão da classe de volta à cena. No entanto, ainda que seja possível perceber, em

¹ A discussão sobre esses conceitos foi desenvolvida em Sifuentes (2014).

² Não estudamos uma telenovela em específico, mas sim aquelas que fizeram parte das vidas das entrevistas e que, por um motivo ou outro, são trazidas à lembrança por elas durante as entrevistas.

alguma medida, essa retomada, pouco é dito/entendido, e ainda parece politicamente incorreto falar sobre classe social. Essa classe que ascendeu socialmente é uma nova classe trabalhadora (SOUZA, 2010), e não uma “nova classe média”.

Pochmann (2012), embora tenha o mesmo ponto de vista sobre esse grupo não representar uma classe média, entende que tampouco há uma nova classe, seria apenas a velha conhecida classe trabalhadora. No entanto, assim como Souza, entendemos que a ascensão desse grupo social representa um fenômeno novo, e que essa classe tem características novas e complexas, que a diferem da antiga classe trabalhadora. Seria, assim, uma “classe social nova e moderna, produto das transformações recentes do capitalismo mundial” (SOUZA, 2010: 26).

APONTAMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa de campo desenvolvida para o estudo aqui relatado foi realizada durante 10 meses. Foram, no mínimo, três encontros com cada uma das informantes. Fonseca (2004: 213) avalia que é preciso ter ciência da “contribuição insubstituível dos estudos de campo que, privilegiando a ‘visão de mundo’ de pessoas de carne e osso, fornecem uma perspectiva molecular ‘de baixo’, por assim dizer, dos acontecimentos”. Desse modo, o que se fez foi, como recomenda Bourdieu (2008: 468), “sujar as mãos na cozinha da empiria”, adentrando o universo das pesquisadas.

Como instrumentos de coleta de dados, fizemos uso de entrevista semiestruturada, formulário e observação. A entrevista semiestruturada, neste estudo, é o instrumento principal de acesso às ideias e aos modos de ser e viver das mulheres pesquisadas. Para Morley (1996: 261), a entrevista, além de permitir “que o investigador tenha acesso às opiniões e declarações conscientes das pessoas entrevistadas”, também propicia o “acesso a termos e a categorias linguísticas [...] em virtude dos quais as pessoas entrevistadas constroem seus mundos e a própria compreensão de suas atividades”.

Já o formulário é um instrumento que permite ter acesso a dados mais objetivos sobre aspectos da vida do grupo estudado. O formulário construído para a investigação apresenta questões sobre elementos educacionais, econômicos e midiáticos. Foi um instrumento complementar que permitiu coletar informações de forma sistemática. O conteúdo dos formulários colaborou de forma efetiva para a construção dos perfis e do mapeamento de consumo de mídia. Entendemos que informações tão específicas seriam mais difíceis de serem recolhidas com uma técnica como a entrevista, em que facilmente algum aspecto ficaria de fora da resposta. Além disso, o caráter “objetivo” do formulário permitiu, por exemplo, verificar um dado como a renda familiar e pessoal de forma menos constrangedora para ambas as partes, uma vez que se sabe que muitas pessoas não gostam de revelar seus salários.

Sobre a observação, Gil (2008) coloca que o mais usual é que se observe sujeitos, cenários e comportamentos. O foco da observação realizada durante a assistência de novela com as entrevistadas foi basicamente esses elementos: as reações das informantes – “o que as faz rirem, chorarem e se enfurecerem” (LINDLOF; TAYLOR, 2011: 135) –, a relação delas com os

demais (pesquisadora e/ou familiares) e o ambiente doméstico. Na verdade, vejo que o aspecto mais rico da observação da assistência da novela foi a possibilidade de conversar sobre diversos assuntos, entre eles, a novela, de forma mais aberta do que na entrevista. A observação propriamente das reações à novela foi aspecto secundário. Tanto que, em muitos casos, a novela já havia acabado e ficávamos conversando ainda meia hora ou mais. Assim, diria que a técnica serviu como uma boa “desculpa” para esse contato mais íntimo.

O grupo pesquisado foi formado por quatro mulheres, com idade entre 27 e 35 anos, residentes em Porto Alegre ou região metropolitana. Suas ocupações são técnica em gestão, manicure, assistente administrativa e vendedora por telemarketing.

MULHERES BATALHADORAS E SEUS MODOS DE VIVER

Souza (2013: 66) entende os batalhadores como “a fração das classes populares que lograram sair deste círculo vicioso” de “não incorporação familiar, escolar e social dos pressupostos de qualquer aprendizado e trabalho moderno”, que produz a “ralé”. Entre os valores que compõem as pré-condições necessárias para o “trabalho útil”, Souza destaca o autocontrole e a disciplina para o trabalho duro e o pensamento e o comportamento prospectivos, centrais para que os batalhadores tenham conseguido ascender. Tais características são facilmente reconhecidas quando encontramos indivíduos que combinam uma longa carga horária de trabalho, em que é comum que a remuneração esteja atrelada à produtividade, com um curso noturno, muitas vezes de ensino superior. Nesses casos, e não somente neles, verificamos o quão adequado o termo “batalhador” é para os membros desse grupo.

A maior parte desses batalhadores emergentes se origina na “ralé”, sendo essa geralmente composta por famílias monoparentais, com problemas frequentes de alcoolismo, e estando quase permanentemente abalada emocionalmente e, portanto, com chances de futuro reduzidas. Para Unger (2010: 10), esse grupo que emergiu luta “com energia e engenho para escapar da ralé e entrar no rol da pequena burguesia empreendedora e emergente”. Mas o que possibilitou um comportamento que autorizou essa ascensão? Souza (2010) considera que a resposta está no capital familiar, que permitiu, através de exemplos, a transmissão de valores de trabalho duro e continuado.

‘Ascender socialmente’ só é possível a quem logra incorporar as pré-condições que o capitalismo atual pressupõe para a crescente incorporação de distintas formas de conhecimento e de capital cultural como ‘porta de entrada’ em qualquer de seus setores competitivos. A fronteira entre ralé e batalhadores [...] está situada precisamente na possibilidade da incorporação pelos batalhadores dos pressupostos para o aprendizado e o trabalho que falta à ralé. (SOUZA, 2013: 62).

Aqui, esse grupo está composto por Diná, Lidiane, Rafaela e Ruth,

mulheres entre 27 e 35 anos. Elas são, respectivamente, técnica em gestão, manicure, assistente administrativa e vendedora de telemarketing. Três delas residem na região metropolitana de Porto Alegre e uma em bairro periférico da capital.

Conforme pesquisadores da “nova classe média” apontam, duas características importantes desse grupo se referem à problemática que relaciona trabalho e tempo, especialmente através de longas jornadas de trabalho, muitas vezes conciliadas com os estudos (FLEURY, 2013). Entre as mulheres batalhadoras deste estudo, encontramos essa realidade. Rafaela concilia o trabalho como assistente administrativa, no qual cumpre 40 horas semanais, com a faculdade de psicologia à noite e sábado pela manhã. Sai da indústria onde trabalha, em Porto Alegre, às 17h30 e vai para a faculdade em Cachoeirinha, onde sua aula inicia às 19h15. “Se eu vir pra casa, eu gasto mais uma passagem, não vale a pena. Eu vou prali, se eu chego cedo eu aproveito pra ler alguma coisa, porque tem muita leitura né?”. Ruth também dividia seu tempo entre emprego e curso superior, mas agora, como em várias ocasiões, trancou a faculdade pela falta de tempo e pela necessidade de economizar, especialmente em 2013, quando adquiriu casa própria. No caso de Ruth, a relação entre tempo e rendimentos é clara, visto que ganha conforme sua produtividade, na venda de pacotes de TV por assinatura, telefonia e internet.

Lidiane pretende concluir o ensino médio e cursar o ensino superior em breve – afirma que agora que concluiu a construção de sua casa terá mais tempo e dinheiro para se qualificar. Por enquanto, dedica cerca de 10 horas diárias, seis dias por semana, ao trabalho como manicure. “Bem corrida, tô sempre atrasada.” Começa a trabalhar às 10h e chega a sair às 22h. Obviamente, mais tempo no salão à disposição das clientes significa uma renda maior. Ela não possui carteira assinada, e, assim, não tem nem mesmo um salário mínimo garantido.

Lidiane e Ruth trabalham desde os 16 anos, quando ainda não haviam concluído o ensino médio. Ruth voltou, poucos anos depois, a estudar, com o apoio do marido. Lidiane até hoje sonda um retorno aos estudos, porém isso ainda não se concretizou. Ambas citam a separação dos pais como importante para o abandono dos estudos. A separação dos pais de Ruth e o abandono da escola ocorreram no mesmo ano, em parte por entrar em uma fase “rebelde”, e também porque a situação financeira ficou pior em casa. Além disso, ela engravidou em seguida.

Rafaela começou a trabalhar após concluir o ensino médio. Embora desejasse cursar o ensino superior, não tinha condições financeiras de pagar uma faculdade. Apesar de a situação econômica em casa não ser confortável, a ajuda financeira de Rafaela não seria essencial. No entanto, a família tampouco poderia pagar uma faculdade para ela. Assim, o caminho foi começar a trabalhar. Após mais de 10 anos trabalhando no comércio, ela conseguiu dois empregos consecutivos em indústria automotiva, sendo o segundo aquele no qual está desde 2011, e que permitiu que ela tivesse meios de pagar seus estudos.

Diná pôde se dedicar aos estudos até a conclusão do ensino médio, e, depois, interessada em se qualificar, fez um curso técnico, que conciliava com o trabalho. Diná conta que a faculdade não era nem mesmo um sonho para ela, pois a via como algo distante de sua realidade. “Eu nem pensava,

pra mim era tranquilo: ‘ah tá, quem sabe um dia eu tente UFRGS, mas ah, vou fazer um curso técnico, acho que vai me dar uma formação legal’. Nem fazia parte dos meus planos ter um ensino superior, não tava nem triste, decepcionada, porque eu não contava com aquilo.” Durante a graduação, que não precisou pagar pois recebia bolsa do governo, sempre trabalhou para conseguir se manter e ajudar a mãe.

Nesse sentido, a análise de Souza (2010) versa sobre a relação entre trabalho e estudo para as chances de futuro dos jovens “batalhadores”.

A necessidade do trabalho se impõe desde cedo, paralelamente ao estudo, o qual deixa de ser percebido como atividade principal e única responsabilidade dos mais jovens como na ‘verdadeira’ e privilegiada classe média. Esse fator é fundamental porque o aguilhão da necessidade de sobrevivência se impõe como fulcro de vida de toda essa classe de indivíduos. Como consequência, toda a vida posterior e todas as escolhas – a maior parte delas, na verdade, escolhas ‘pré-escolhidas’ pela situação e pelo contexto – passam a receber a marca dessa necessidade primária e fundamental. (SOUZA, 2010: 51).

As entrevistadas também refletiram sobre “o que é ser mulher”. Todas ressaltam o papel de guerreira das mulheres como diferencial para os homens. Diná indica a importância de homens e mulheres terem direitos iguais e assinala como características femininas a luta, a maternidade e a delicadeza. “É juntar um pouco desse lado guerreiro, de correr atrás das coisas, mas nunca perder esse lado mulher, se deixar às vezes um cavalheirismo, alguma coisa, se deixar ser defendida, eu acho que é um misto disso tudo, hoje.” À medida que desenvolveu mais sua opinião sobre o tema, ficou clara a centralidade da religião em seu entendimento sobre o papel da mulher.

A mulher é a base da família, tanto porque ela tem os filhos, gera os filhos, mas ela é quem coordena as coisas em casa, o marido não tem tanto essa noção. Então eu acho que essa questão evangélica, a igreja evangélica me fez pensar o quanto eu tenho que pensar na minha família, quando eu passo a ser mulher, esposa, eu tenho que pensar na minha família. [...] Eu sou submissa ao meu marido, mas submissa pela questão de não contradizer ele na frente dos outros [...]. Eu acho que é essa submissão que eu tenho, de bom senso, de respeito. Porque não adianta, o homem, é aquela coisa, o sustento da casa. A mulher é essa sutileza, a força que ela tem que ter dentro de casa, de decidir as coisas, mas também de também cada um ter seu papel na sociedade, homem e mulher. (Diná).

Para Lidiane, ser mulher é lutar pelo que se quer e ser independente. “É tu ser uma mulher de fibra, tu não depender de ninguém, nunca, não ficar esperando as coisas dos outros, tu corre mais atrás dos teus sonhos.” Trabalhando em salão de beleza, tem contato com muitas mulheres com pensamentos bastante diversos. Relata que se aborrece muito com algumas clientes do salão que “se acham inteligentes” por “darem o golpe do baú mesmo”. Considera que essas vão contra a essência do ser mulher.

Rafaela faz referência a um modelo bastante difundido atualmente, o da “mulher que dá conta de tudo”. Não se opõe a ele, mas salienta que a partir desse ideal a vida da mulher se torna mais difícil.

Eu acho que é bem complicado, tu conseguir dar conta de tudo, porque hoje em dia as mulheres não querem ficar só em casa, querem ter uma profissão, não depender de ficar o marido te dando dinheiro, mesadinha isso e aquilo, de ter a tua liberdade, de tu poder comprar o que tu quer [...]. Então tu trabalhar fora, tu ter a responsabilidade da família, que não adianta, tu é um exemplo ali naquela casa, e de repente tu estudar, tudo, é bem complicado, não é fácil. [...] Eu acho que é bem difícil ser mulher, com certeza. (Rafaela).

A maternidade é um ideal bastante presente para as batalhadoras.

Diná queria se tornar mãe naquele ano e Rafaela quer ser mãe após concluir a faculdade, quando espera também já estar casada. Lidiane é a única que não quer ser mãe. Ela diz que já quis bastante, pois adora criança, todavia quer focar em sua carreira e vê muitas mães que não têm tempo e delegam a criação dos filhos a outros, o que não gostaria de fazer. “Nessa área, a gente não tem muito tempo, então eu não vou ter um filho pra deixar sozinho, pra alguém criar pra mim, não quero isso.” O fato de não querer se casar contribui para sua decisão. “O problema é que eu não quero casar né? Como é que eu vou ter um filho e botar o bichinho sozinho no mundo”. Avalia que seu modo de pensar decorre “dos exemplos que eu tive mais próximos a mim nunca terem dado certo, se esforçarem durante tanto tempo, se incomodar, brigar e tal, e de repente tu vê que nada valeu a pena.” Ela se refere aos pais e à irmã, os primeiros por terem acabado o casamento de forma problemática, e a irmã por estar no terceiro casamento e por não ter dado conta de criar o filho, que, por muito tempo, foi cuidado por Lidiane.

MODOS DE VER A TELENVELA

As entrevistadas não precisaram ser questionadas diretamente sobre telenovela para trazer o tema à tona. Seja para explicar a relação de suas famílias com os meios de comunicação, para apontar as primeiras lembranças de mídia ou para elencar os programas marcantes, as componentes do grupo “antecipam” o tópico telenovela. Rafaela, que se mostra fã de televisão e telenovelas, embora não esteja conseguindo dedicar tempo a elas hoje, garante: “Eu assistia todas as novelas que davam, todos os horários que eu podia olhar, eu assistia. [...] Sempre, sempre assistindo, não tava fazendo o tema da escola tava assistindo a novela. [...] Não perdia nenhum capítulo de nem um horário”.

Entre as telenovelas inesquecíveis para as entrevistadas, Diná não tem dúvida ao ressaltar que a novela que mais a marcou foi *Chiquititas* (1997), dirigida ao público infantil, que serviam de inspiração para muitas brincadeiras. “A gente, nas festinhas, assim, reunião dançante, eu levava minha fitinha K7 das *Chiquititas*. Eu lembro assim que foi uma febre, e todo dia treinando coreografia, apresentava no colégio, apresentava na

¹ Levantamento do Ibope em 15 regiões metropolitanas do Brasil em 2014. Fonte: www.ibope.com.br.

igreja. Mandava até fazer roupa, aqueles vestidinhos com aventalzinho”.

A primeira lembrança de mídia de Lidiane é *Carrossel* (1991). *Celebridade* (2003) é “a última novela que eu me lembro que eu, bá, saía correndo, não deixava nem mais marcar cliente mais tarde”. Rafaela mostra se lembrar bastante das novelas, mostrando que tiveram papel importante em sua vida, “eu recordo bem porque me marcou de alguma maneira”. Cita entre as principais: *Bambolê* (1987) – “que mostrava aqueles vestidos, daí aparecia elas dançando rock n’roll” –, *Sonho meu* (1993) – “que foi gravada em Curitiba, daí mostrava umas imagens bem bonitas de lá. Era uma história bem bacana, de uma menininha, daí eu gostava bastante”. Lembra que tem muitos CDs de novela, que sempre gostou por reunir artistas diferentes e já conhecer as músicas das novelas. Entre as trilhas preferidas, *Por Amor, Vila Madalena* (1999), *América* (2005). “Se tu for olhar os CDs que eu tenho, a maioria é de novela, porque daí eu assistia à novela e falava ‘mas que música bacana’ e acabava comprando”.

Ruth elenca a *Top Model* (1989) e *Barriga de aluguel* como as principais novelas. Ela diz que a mãe era quem mais assistia, mas os filhos não ligavam tanto. “Eu, nós nunca fomos muito, assim, de assistir. Até hoje. Assisti quando dá. Já fui mais noveleira”.

Entre as famílias batalhadoras, a novela parece ter sido um hábito familiar importante. Diná lembra de assistir a novelas com a mãe. “Olhamos bastante novela. Até eu mais do que ela. Ela tava fazendo comida, daí eu olhava bem. E ela me dizia depois, ‘o que aconteceu?’”. Lidiane lembra de assistir com a mãe a irmã quando era pequena, mas não entendia direito. Com o pai, recorda de ter assistido *A Viagem*, “essa eu me lembro de a gente ficar ansioso pra olhar o horário da novela”. Não havia nenhuma restrição ou orientações sobre a novela.

Entre os personagens mais importantes para as batalhadoras, Diná destaca, além das *chiquititas*, Maya (Juliana Paes) e as outras indianas de *Caminho das Índias* (2009), pois até hoje ela e as amigas usam expressões da novela, especialmente quando alguém usa muitas joias, não deixam de brincar dizendo “muito ouro, muito ouro”, como faziam as mulheres da trama. “Eu acho que ficou um pouco no cotidiano.”

Teresa Cristina (Christiane Torloni), de *Fina estampa*, foi a personagem de novela mais marcante para Lidiane. Ela lembra que, estranhamente, torcia pela vilã, “ela era malvada e eu torcia por ela. As gurias ficavam louca comigo. Mas é que o que eu via assim é que ela era meio louca na real, que a maldade dela era toda amor àquele marido dela lá e tal”. Diz que, durante *Avenida Brasil*, ainda defendia *Teresa Cristina*, diferenciando-a da vilã *Carminha*. “Ela era louca pelo marido, fazia tudo, tudo, tudo, mas tudo por amor, não por dinheiro que nem era a *Carminha*”. Pensa que o motivo para sua simpatia era o humor da personagem, “eu quase morria de rir com ela, adorava, quando se juntava ela e o *Clô* (Marcelo Serrado) então, nossa!”

Rafaela relata que sua personagem preferida foi *Cláudia*, vivida por Patrícia França, em *Sonho meu*. Não lembra o nome da personagem, apenas da atriz, que vivia um triângulo amoroso com Leonardo Vieira e Fábio Assunção. Conta que ficou “chateada de nunca terem reprisado” a novela. Ruth não consegue se lembrar de um personagem de novela e cita *Zelda* (Andrea Beltrão), em *Armação ilimitada*³ (1985-1988) como a que

³ Armação ilimitada foi um seriado da Rede Globo exibido entre 1985 e 1988, em 40 episódios, às sextas-feiras, às 21h20min, com referências à cultura pop.

mais gostou. Diz ter dificuldades para se lembrar de programas, citando que demora a se dar conta que já assistiu a um filme que está olhando.

Questionadas se diriam que, hoje, gostam de assistir a novela, respondem que sim. "Aham, gosto, me distrai, é uma companhia." (Diná); "Eu gosto, assim, pra distrair um pouco a cabeça, mas já dei mais bola. Tu acaba priorizando outras coisas." (Lidiane); "Gosto. Até não tenho assistido por causa da falta de tempo. Mas eu sempre gostei." (Rafaela); "Quando eu tenho tempo eu gosto, eu assisto um pouquinho. Já fui mais noveleira. Assim, eu não sou uma pessoa que diga 'ah, eu tenho que ir pra casa pra assistir novela.' Mas eu assisto".

As batalhadoras notam diferenças no estilo das novelas conforme o horário de exibição. "Ah, sim, completamente. Geralmente a das seis é alguma coisa histórica. A das sete é mais humor, mais leve, assim, entre aspas. E a das oito já é um enredo, assim, que tenta prender a emoção das pessoas." (Diná); "Ah, sim, a das seis, normalmente, é novela de época. A das sete mais engraçada. E a das nove mais polêmica, né. Levanta mais causa do que as outras em si." (Ruth). Assim, percebe-se que elas conhecem a "gramática da telenovela". Também conhecem os autores de novela e suas principais marcas.

Acerca da representação das distintas classes na novela, Diná lembra que a primeira relação entre pessoas de níveis sociais diferentes de que se lembra foi em *Carrossel*, entre *Maria Joaquina e Cirilo*, sendo que ele era humilhado pela menina exatamente por ser pobre. Lidiane acredita que hoje as novelas mostram mais da temática das diferenças sociais, diferente de antes, quando os pobres não apareciam, "era só glamour, só coisa boa, que eu me lembro assim". Considera que esse retrato não apresentava a realidade do Brasil. "Mansões gigantescas, empregados mil, jatinho esperando no quintal da casa. Que é aquilo?!" Rafaela não se diz satisfeita com a forma como os pobres aparecem nos programas, que "mostram o pobre um ignorante". Dá o exemplo do seriado da Globo *Pé na Cova* (2013). "Os personagens, todos falam errado, o português é horrível, bá! Parece que botam a pessoa que não é rica, o pobre, lá embaixo. Como se fosse uma pessoa burra, como se não estudasse, não fizesse nada."

A mulher na novela, por sua vez, é apresentada como "vulgar", "objeto", "dondoca", "vingativa" e "romântica", segundo Diná e Lidiane, que consideram que faltam representações mais verdadeiras da mulher atual. "É difícil tu vê retratado a independência da mulher como ela tem que ser. Quando eu vejo a mulher retratada como alguém que luta, é sempre por filho, por família, mas a mulher como tu vê na vida real, que tem uma vida independente, que cresce, isso não é retratado." (Diná); "Eu acho que tinha que ter mais coisas assim pra mostrar a luta das mulheres, mostrar o quanto uma mulher pode produzir, pode trabalhar, ser bem sucedida no mercado." (Lidiane).

Já Rafaela e Ruth julgam que a mulher da novela é como a da vida real. "Hoje em dia mostra muito aquele lado da mulher, tanto que a mulher que trabalha, que tá ali correndo atrás dos seus objetivos, cuidando da família, como também, nas novelas que mostram as famílias ricas, normalmente, são casos de mulheres mais dependentes dos maridos." (Rafaela). Ruth considera que a novela sempre dá protagonismo à mulher e busca apresentar

¹ Levantamento do Ibope em 15 regiões metropolitanas do Brasil em 2014. Fonte: www.ibope.com.br.

temas que a ajude, como a violência doméstica contra a mulher, que lembra de ter sido retratada em *Fina estampa* (2011).

Segundo Diná e Rafaela, a prioridade da mulher na novela é sempre o amor. “Isso é o propósito da vida, a gente ter família, mas parece que é só isso. Muito romântica...” (Diná). Lidiane se diverte afirmando que o que as mulheres mais fazem nas novelas é “tomar champanhe. Todas tomam champanhe, o tempo todo, nunca vi como gostam de champanhe essas mulher, tá loco. [...] Na beira da piscina, tomando champanhe, enquanto os marido tão lá enriquecendo cada vez mais pra elas.”

Em relação à sexualidade, as batalhadoras avaliam que a mulher possui bastante liberdade nas novelas, inclusive sendo apresentadas como “safadinha”, “tão bem esperta” (Diná) e “vulgar” (Lidiane). Já as mocinhas, Diná avalia, são sempre “santinhas”: “As mocinhas são sempre as santinhas, o que pra mim, também, eu já acho muito ridículo, porque não precisa se uma santa do pau oco pra se a mocinha da novela.” Lidiane concorda, diz que a mocinha é sempre “recatada”. Rafaela pensa que a sexualidade feminina é tratada com mais naturalidade hoje, tanto na realidade quanto na ficção. “A gente vê nos personagens, assim, aquela coisa, vai posar na casa do namorado, antigamente já era diferente. Até no dia a dia da gente, na realidade, era diferente, dificilmente uma mulher ia posar na casa do namorado e a família ia ver com naturalidade.” Já as traições, para ela, continuam sendo atreladas e naturalizadas para os personagens masculinos, exclusivamente. Na opinião de Ruth, não se trata da sexualidade feminina nas novelas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que o termo “batalhadores” não é empregado à toa para esse grupo, uma vez que a soma de algumas pré-disposições básicas com esforço contínuo permitiu a essas mulheres ter acesso a um estilo de vida mais confortável do que na infância e adolescência. A maternidade, o casamento e a carreira profissional constituem os alicerces dos projetos de futuro desse grupo. A TV acompanha as trajetórias de vida desde a infância aos dias atuais. A internet também é presente, mas de uma forma mais instrumental, provavelmente porque o contato com esse meio foi mais tardio, acontecendo já na idade adulta. A novela possui nesse grupo assíduas telespectadoras.

Acerca do que podemos chamar de “gramática da telenovela”, percebemos que, em diversos aspectos, as batalhadoras sabem reconhecer muito bem, por exemplo, as peculiaridades de cada horário de exibição de telenovela, especificidades que Hamburger (2005) aponta como fundamentais sobre as novelas da Globo. Da mesma forma, as batalhadoras conhecem, ao menos minimamente, os autores de novela e suas marcas, especialmente nos casos de Manoel Carlos e Glória Perez.

A classe batalhadora, nas figuras de Lidiane e Ruth, apontam uma saturação em relação ao tema amor e casamento nas telenovelas, com a diferença de que a primeira nunca se casou e a segunda se casou três vezes. Diná, casada, e Rafaela, noiva, têm histórias diferentes nesse quesito, pois Diná namora desde os 20 anos o seu, hoje, marido, e Rafaela, com 32 anos,

está em seu terceiro relacionamento, sendo que nos outros dois os namoros não passaram de poucos meses.

As leituras das batalhadoras convergem com a análise de Messa (2006) sobre o seriado *Sex and the City*, “as mulheres só querem ser salvas”. Elas avaliam que, nas novelas, a prioridade e a solução para as mulheres é sempre o casamento. Se, por um lado, suas análises sobre a mulher na novela mostram que, para elas, as personagens femininas deveriam ser mais independentes, por outro, demonstram uma representação da sexualidade mais conservadora, relacionando as mulheres das tramas como “vulgares” e “saidinhas”.

Vale destacar que as entrevistadas se identificam com os próprios modelos de típica mulher brasileira. Consideram-se, portanto, batalhadoras e guerreiras, mulheres que vão à luta, trabalham e cuidam da família, como descreveram acerca das personagens.

REFERÊNCIAS

BARTELT, Dawid Danilo. Introdução. In: _____ (Org.). *A “nova classe média” no Brasil como conceito e projeto político*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013. p. 4-13

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato. *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983. p. 82-121

_____. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.

FLEURY, Sonia. A fabricação da classe média: projeto político para nova sociabilidade. In: BARTELT, Dawid Danilo (Org.). *A “nova classe média” no Brasil como conceito e projeto político*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013. p. 69-80

FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra*. Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAMBURGER, Esther. *O Brasil Antenado*. A sociedade da novela. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2005.

KERSTENETZKY, Celia Lessa; UCHÔA, Christiane. Moradia inadequada, escolaridade insuficiente, crédito limitado: em busca da nova classe média. In: BARTELT, Dawid Danilo. *A “nova classe média” no Brasil como conceito e projeto político*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013. p. 16-31

LINDLOF, Thomas R.; TAYLOR, Bryan C. *Qualitative Communication Research Methods*. 3. ed. Thousand Oaks: Sage, 2011.

MESSA, Márcia Rejane Postiglioni. *As mulheres só querem ser salvas: Sex and the City e o pós-feminismo*. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, Porto Alegre, 2006.

MORLEY, David. *Televisión, audiencias y estudios culturales*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

NERI, Marcelo C. *A nova classe média*. Rio de Janeiro: FGV, 2008. Disponível em: <http://www3.fgv.br/ibrecps/M3/M3_ANovaClasseMedia_Port_2.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2014.

_____. *A nova classe média: o lado brilhante dos pobres*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

POCHMANN, Marcio. *Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2012.

SIFUENTES, Lírian. *“Todo mundo fala mal, mas todo mundo vê”*: um estudo comparativo do consumo de telenovela por mulheres de diferentes classes. Tese (Doutorado em Comunicação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, Porto Alegre, 2014.

SOUZA, Jessé. *Os Batalhadores brasileiros*. Nova classe média ou nova classe trabalhadora. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____. A invisibilidade da luta de classes ou a cegueira do economicismo. In: BARTELT, Dawid Danilo (Org.). *A “nova classe média” no Brasil como conceito e projeto político*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013. p. 55-68

UNGER, Roberto Mangabeira. Prefácio. Os batalhadores e a transformação do Brasil. In: SOUZA, Jessé. *Os Batalhadores brasileiros*. Nova classe média ou nova classe trabalhadora. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.